

Filho do Hamas

Marli Barros Dias – Universidade de Évora – Portugal
Mestre em Sociologia – Universidade de Évora – Portugal
E-mail: sofiahper@hotmail.com
Fone: (351) 271.214.127
Data da recepção: 05/04/2011
Data da aprovação: 29/08/2011

Resenha de: YOUSEF, Mosab Hassan. *Filho do Hamas*: um relato emocionante de terror, traição, intriga política e escolhas impensáveis. Rio de Janeiro: Sextante, 2010, trad. do inglês por Marcello Lino. 287 p.⁶

A editora Sextante, do Rio de Janeiro, acaba de publicar a tradução, para a língua portuguesa, da obra *Son of Hamas: A Gripping Account of Terror, Betrayal, Political Intrigue, and Unthinkable Choices*. O livro resulta da parceria literária estabelecida entre Mosab Hassan Yousef e Ron Brackin.

Mosab Hassan Yousef, nascido na Cisjordânia (1978), é o filho mais velho do xeique Hassan Yousef, líder religioso e um dos fundadores do Hamas. O autor, desde tenra idade, vivenciou o conflito israelo-palestino e esteve nos bastidores do Hamas, onde presenciou as diversas manobras políticas e militares daquele grupo fundamentalista islâmico, tendo *Filho do Hamas*: um relato emocionante de Terror, traição, intriga política e escolhas impensáveis as duas Intifadas. Ron Brackin, escritor, jornalista e radialista *free lancer*, efectuou diversas viagens ao Médio Oriente. Esteve em Belém, Ramallah, Gaza e Jerusalém, durante a II Intifada. Tem vasta colaboração publicada nos jornais *USA Today* e *The Washington Times* e serviu no Congresso dos Estados Unidos da América, como Secretário de Imprensa, durante a Administração Reagan.

6 — *Filho do Hamas* é um livro actual, em boa hora vertido para o nosso idioma. A leitura atenta das suas páginas permite-nos ficar a conhecer alguns dos interstícios do conflito israelo-palestino, desde uma perspectiva *intra-histórica*. Por outro lado, convém não esquecer a advertência que Mosab Hasan Yousef e Ron Brackin nos deixam: “Verdade e perdão são a única solução para o Oriente Médio. Mas o desafio, principalmente entre israelenses e palestinos, não é *encontrar* a solução. O desafio é ser o primeiro com coragem suficiente para *abraçá-la*” (YOUSEF, 2010, p. 276).

Na infância e adolescência Mosab, que sempre admirou e admira o pai (cf. YOUSEF, p. 42 e 269), seguiu os preceitos do Corão, foi preso pelas Forças de Defesa de Israel (IDF) e torturado nas prisões israelitas. Foi na prisão que o jovem Mosab recebeu uma proposta para se tornar espião do Shin Bet. Num primeiro momento, Mosab teve relutância em aceitar a proposta, mas, depois, admitiu a possibilidade de tornar-se agente duplo, o que acabou por não acontecer porque, segundo ele acreditava, se ajudasse a desmantelar o Hamas e outras facções terroristas, estaria a contribuir para promover a paz junto do seu povo e dos israelitas.

Mosab aproveitou-se da influência paterna para circular livremente na Palestina e ter acesso aos planos do Hamas e de outras facções terroristas. Vestia-se como um “terrorista”, o que o tornava livre de suspeitas. Com o passar dos anos tornou-se respeitado pelos palestinianos e pelo Shin Bet, pois era um espião fundamental para essa organização de inteligência israelita.

Nessa existência de mistérios e de dupla identidade, Mosab acabou por trair o seu progenitor que, para ele, está isento de responsabilidade quanto aos atos terroristas do Hamas, dado que nunca fez parte do seu braço armado, pois sempre foi um pacifista. Isso é contraditório uma vez que o xeique conhecia por dentro os atos do “Partido” que ajudou a fundar.

Cabe salientar que, quando Yitzhak Rabin reconheceu formalmente a OLP e juntamente com Yasser Arafat, assinou o acordo conhecido como Declaração de Princípios, as lideranças do Hamas posicionaram-se contrárias ao acordo, inclusive o xeique Hassan Yousef. Sobre essa questão, os autores escrevem o seguinte:

Meu pai, porém, era contrário à DDP. Ele não confiava em Isrel nem na OLP e, portanto, também não confiava no processo de paz. Outros líderes do Hamas, ele mesmo explicou, tinham os seus próprios motivos para se opor, entre os quais o risco de um acordo de paz que pudesse realmente dar certo. A coexistência pacífica significaria o fim do Hamas. Na perspectiva deles, a organização não podia prosperar em uma atmosfera de paz. Outros grupos de resistência também tinham interesse na continuação do conflito. É difícil alcançar a paz em um lugar em que tantas pessoas têm objetivos e interesses diferentes (YOUSEF, 2010, p. 68).

É nesse contexto de conflitos, interesses e desconfiança, que Mosab atraíçou os ensinamentos do Corão pois, segundo ele, “de acordo com o Al-

corão, quando um inimigo invade qualquer território muçulmano, todos os seguidores do islamismo são convocados a lutar e defender sua terra” (YOUSEF, 2010, p. 24).

A aproximação de Mosab ao Cristianismo contribuiu para questionar certas determinações do Islamismo e, talvez, os “ensinamentos de Jesus”, a que se refere, tenham servido de álibi para levar adiante a sua dupla identidade e colher informações de terroristas e entregar os seus líderes a Israel, bem como indignar-se com as torturas de integrantes do Hamas contra pessoas do seu próprio povo, dentro de prisões israelitas.

É no solo palestino que Mosab interpela os ensinamentos do pai e do próprio Corão e sente no dia-a-dia o ódio que aciona cada vez mais o terrorismo na vertente religiosa, no qual a rivalidade e a intolerância são os pontos fortes da demanda na própria Palestina. Na visão dos autores, a OLP e o Hamas são diferentes. Enquanto a OLP representou um problema político para Israel, o Hamas é um problema religioso e isso implica que a solução para o conflito assume não o viés político, mas religioso.

O Hamas assumiu a dianteira do conflito quando passou a receber apoio financeiro de alguns países árabes. O Hamas capitalizou-se quando Yasser Arafat apoiou a invasão do Kuwait, por Saddam Hussein, e isto afastou Arafat dos Estados Unidos da América e dos países árabes. Consequentemente, os governantes árabes, “começaram a destinar ao Hamas o apoio financeiro antes oferecido à Organização para a Libertação da Palestina” (YOUSEF, 2010, p. 72).

O Acordo de Oslo (1993) passou a exigir de Yasser Arafat a criação da Autoridade Nacional Palestina (ANP), na Cisjordânia e em Gaza, e o encontro secreto do líder palestino com os representantes de Israel, serviram para enfurecer os partidários do Hamas, na medida em que Arafat prometeu que desistiriam da luta pela autodeterminação. Ante esse fato, a ANP contou com o reconhecimento por parte de alguns palestinos e a libertação de Gaza e de Jericó, mas Arafat não pôde contar com a confiança por parte do Hamas.

As negociações para a reconciliação e unificação entre a ANP e o Hamas fracassaram e, consequentemente, o Hamas transformou-se numa organização terrorista. Mesmo os líderes moderados do Hamas, como o xeique Hassan Yousef, não tomaram nenhuma posição contrária ou de condenação aos atos violentos praticados pelo Hamas “Os fedayeen tinham toda a força do Alcorão” (YOUSEF, 2010, p. 73).

Israel tornou-se impotente em relação aos “militantes violentos” do Hamas, pois não conseguia prendê-los e as prisões efetuadas por este Estado,

eram somente sobre os alvos fáceis. “O Hamas era um fantasma. Uma ideia. Não é possível destruir uma ideia, só é possível estimulá-la. O Hamas era como um verme: cortava sua cabeça e logo outra nascia” (YOUSEF, 2010, p. 74).

A luta prosseguiu e, na II Intifada, segundo Mosab e Brackin, “o Hamas, que já havia sido a facção predominante entre os palestinos, estava em frangalhos. A Autoridade Nacional Palestina, ferrenha rival da estilhaçada organização, controlava corações e mentes” (YOUSEF, 2010, p. 144).

A disputa pelo controle do poder entre as facções rivais na própria Palestina, na verdade, sempre procurou, junto da população, o “combustível” necessário para levar adiante as suas pretensões. Foi nesse panorama de disputa e de força que a ANP conseguiu prender os líderes do Hamas e destruir o seu braço militar.

Para os autores de *Filho do Hamas*, e de acordo com informações recebidas do chefe do Shin Bet, “as Brigadas dos Mártires de Al Aqsa eram formadas por ninguém mais do que os próprios guardas de Arafat, financiadas diretamente por ele com dinheiro dos contribuintes americanos e doações internacionais” (YOUSEF, 2010, p. 161).

À medida que a violência prosseguia na Palestina, Mosab passou a questionar a sua fé e a aproximar-se, cada vez mais, do Cristianismo. Ele diz o seguinte:

O que me afastava cada vez mais do islamismo era a hipocrisia que eu via à minha volta. De acordo com os ensinamentos do Islã, um servo devoto de Alá que se torna mártir vai direto para o paraíso. Não é submetido a questionamento por anjos estranhos nem é torturado no túmulo. No entanto, parecia que, de uma hora para outra, *qualquer um* assassinado pelos israelenses, fosse muçulmano não praticante, comunista ou até mesmo ateu, estava sendo tratado como um mártir sagrado. Em meio à dor da perda, os imãs e os xeiques diziam às famílias dos mortos: ‘Seu ente querido está no paraíso’ (YOUSEF, 2010, p. 170).

Diante de tais fatos, Mosab defrontava-se com uma espécie de desconfiança daquilo que lhe foi ensinado desde criança. A visão que passou a ter dos acontecimentos serviu para para aproximá-lo cada vez mais e para justificar a sua própria ligação com o Shin Bet. Ele sentia desconfiança e repulsa ao conhecer por “dentro” as manipulações realizadas pelo Hamas e por líderes religiosos que contrariavam os preceitos do próprio Corão.

O Alcorão, é claro, não respaldava essa retórica. Quando se trata de definir quem vai para o céu e quem vai para o inferno, o livro sagrado dos muçulmanos é bem claro e não dá margem a dúvidas. No entanto, aqueles líderes pareciam não se importar. A questão não era transmitir a verdade ou respeitar a teologia islâmica, mas mentir para as pessoas a fim de obter vantagens estratégicas e recursos políticos. Era como se os líderes islâmicos estivessem dopando seu povo com mentiras para fazê-lo esquecer a dor que eles mesmos estavam causando (YOUSEF, 2010, p. 170).

A manipulação e o ambiente eram violentos e enigmáticos, constituindo um sistema movido pela decepção e falta de esperança no cessar definitivo da violência. Além de conhecer as tramas do Hamas, enquanto agente infiltrado do Shin Bet, Mosab tinha conhecimento de outras facções terroristas dentro da Palestina inclusive, pessoa que agia de modo independente, como foi o caso de um estrangeiro, do Kuwait, Abdullah Barghouti, que é definido, em *Filho do Hamas*, como “uma máquina de matar anônima e independente” (YOUSEF, 2010, p. 192):

A chegada de Abdullah marcou uma mudança drástica no conflito entre Israel e a Palestina. Primeiro, porque suas bombas eram muito mais sofisticadas e devastadoras do que qualquer outra coisa já utilizada, tornando Israel mais vulnerável e aumentando a pressão para que o governo pusesse fim aos atentados.

A situação de conflito permanente colocava Mosab, enquanto agente do Shin Bet, perante questões que se moviam em direcção a decepções e angústias. Viu o pai ser preso e várias vezes se defrontava com a amargura de ter de espiar e entregar pessoas amigas, como um dos integrantes das Brigadas de Al-Qassam, braço armado do Hamas, cuja organização “não era grande, mas era mortal” (YOUSEF, 2010, p. 236).

As prisões sucessivas de integrantes do Hamas continuavam e, após uma década marcada por assassinatos e detenções de supostos líderes, essa organização parecia não sentir falta dos “líderes” que perdera. Isso porque os seus verdadeiros dirigentes não estavam expostos e agiam de modo mais discreto do que se poderia imaginar. Isso levou a um trabalho minucioso por parte do Shin Bet até chegar a verificar que o centro de poder do Hamas se

encontrava na Síria e “não havia como negar que a Síria era um centro de poder da facção. Fazia todo o sentido o Hamas manter uma estrutura completa – escritório, armas e acampamentos militares – em algum lugar fora do controle de Israel” (YOUSEF, 2010, p. 243).

Os autênticos líderes do Hamas, então desconhecidos e imperceptíveis, verdadeiramente comandavam o movimento e decidiam o fim a ser dado ao dinheiro utilizado na fabricação de bombas, recrutamento de voluntários, manutenção de fugitivos, entre outros. “Tudo isso sob o disfarce de um dos numerosos e aparentemente inofensivos centros de pesquisa da Palestina” (YOUSEF, 2010, p. 246).

A manobra política do Hamas fez-se notar com a morte de Yasser Arafat, deixando um vazio de poder que passou a ser desejado e conquistado pelo movimento. Para vencer as eleições, o Hamas pressionou o xeique Hassan Yousef, que na altura estava preso, embora participasse nas listas eleitorais do Hamas, pois a popularidade e respeito do xeique levá-lo-iam à vitória. A propósito dessa questão, Mosab afirma (*apud* YOUSEF, 2010, p. 259):

Obviamente, meu pai não podia fazer campanha de dentro da prisão. Mas não era necessário. O Hamas pôs sua fotografia por toda parte, incentivando, de maneira implícita, todos a votarem na chapa da organização.

Perante as adversidades, as manobras políticas, o terrorismo e a espionagem a que Mosab estava submetido, a conversão ao Cristianismo e a sua condição de dupla identidade, conseguiu autorização do Shin Bet para desligar-se e sair da Palestina. Hoje, ele encontra-se nos Estados Unidos da América e tem consciência da vergonha que causou aos seus familiares ao renunciar ao Islamismo e ao trabalhar para Israel.

As transformações pessoal e espiritual fizeram com que Mosab optasse por um outro tipo de vida e renunciasse ao ódio, como ele próprio afirma: “Manipulado por mentiras e guiado pelo racismo, pelo ódio e pela revolta, eu estava me tornando uma dessas pessoas” (YOUSEF, 2010, p. 276).